

Alto índice de acordo

De outubro até agora, mais de cem processos foram pagos, totalizando R\$ 280 mil. Ainda faltam 600 processos para serem analisados, nos quais 2 mil credores deverão receber quase R\$ 2 milhões. Destes, mais de 80% são servidores públicos, como professores, policiais civis e funcionários do GDF.

Segundo estimativas da conciliação de precatórios, todas as dívidas de baixo valor deverão ser pagas até novembro deste ano. Para isso, a Coordenadoria de Conciliação de Precatórios recebe por dia uma média de 40 credores de segunda a quinta-feira, das 14h às 18h30. O índice de acordo registrado é de 99% dos casos. "Os acordos são fáceis de serem aceitos porque as quantias são relativamente baixas e os credores não aguentam mais esperar", conta o juiz. "Queremos liquidar estas dívidas o quanto antes, para então, ainda este ano, começarmos a negociar com os credores que têm a receber precatórios de valores mais altos". De acordo com o juiz, existem atualmente cerca de 11 mil credores que têm direito a receber mais de R\$ 1 bilhão em precatórios.

■ Dificuldade

O diretor do Sindicato dos Professores no DF (Sinpro/DF), Washington Dourado, confirma a dificuldade de encontrar os credores. "Nós estamos convocando os professores para fazer as atualizações dos dados e endereços residenciais para poder, enfim, contatá-los. Já iniciamos uma pesquisa para identificar quem tem direito de receber os precatórios e estamos entrando em contato com estas pessoas", afirma Dourado.

Segundo ele, o sindicato também vem publicando este tipo de informação nos jornais da categoria para alertar os professores a ficarem em dia com seus dados. "Outro procedimento é tentar identificar os amigos de quem tem dívidas a receber para que a pessoa possa ter direito ao benefício antes de morrer", conclui Dourado.

João Wilson de Souza, de 55 anos, lavador de carros, está em situação diferente. Depois de 23 anos, ele conseguiu receber uma dívida no valor de R\$ 1,3 mil do GDF. "Acho pouco por tudo o que passei e passo, mas é melhor isso do que nada", destaca. Em 1979, uma granada esquecida no quintal de sua casa por policiais civis do DF que faziam um treinamento explodiu na mão do lavador. Ele perdeu um pedaço do dedo médio e o polegar ficou sem movimento. Em 1983, orientado por colegas, entrou com uma ação contra o GDF.